

“Ano Novo” é pura ilusão

» DIOCLÉCIO CAMPOS JÚNIOR

Médico, professor emérito da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, membro titular da Academia Brasileira de Pediatria, ex-presidente do Global Pediatric Education Consortium (GPEC)

Já está bem próxima a celebração de mais uma data comemorativa que se tornou tradicional na maioria dos países. Refiro-me ao consagrado “ano-novo”. Trata-se, sem dúvida, de uma bela expressão. No entanto, seu conteúdo conceitual requer uma sólida abordagem reflexiva para proteger os seres humanos dos efeitos ilusórios a que são assim expostos.

De fato, os marcos cronológicos definem, com a palavra “ano”, o conjunto de 365 dias sequenciais; com o termo “mês”, os sucessivos, cada qual com seu nome próprio. Em síntese, um ano nada mais é do que a sequência de 365 dias, de 12 meses ou de 52 semanas. É uma invenção criativa da espécie Homo sapiens, que contribuiu para a abordagem mais objetiva do histórico da sociedade humana. Porém, os calendários, uniformizados internacionalmente, não são bons nem maus para a humanidade. Não podem mudar nada, são meros conceitos criados e adotados globalmente. Não são fontes de felicidade.

Torna-se claro que não há um ano realmente novo. Em relação ao tempo em curso, o que há, de fato, é mais um ano ou menos um ano em conformidade com a visão cronológica. Portanto, a afetuosa expressão “feliz ano-novo” é somente a transmissão de um sentimento humanista.

Na verdade, em respeito a todas as formas de altruísmo, vale destacar que a felicidade não advém apenas de mais um período de 365 dias. Requer, essencialmente, a prevalência de princípios morais e éticos para a reversão do materialismo consumista que escraviza a sociedade humana e da injustiça segregacionista que vitimiza os mais pobres.

Com efeito, ano-novo é o ano seguinte, não necessariamente novo. Para que o seja, o seu respectivo cenário social precisa ser modificado, principalmente em países como o nosso, nos quais a desigualdade é mantida e repetida anualmente, há séculos. Desejar feliz ano-novo às vítimas de tamanha e desumana injustiça não é, pois, a mais respeitosa relação para com o próximo. É um gesto inconsciente, destarte não doloso, de humilhação.

Um ano só poderá ser apelidado de “novo” caso a sociedade a que se refere esteja, de fato, conjugando efetivamente os verbos renovar e inovar. Do contrário, ocorrerá o prosseguimento do ano atual com toda a injustiça dominante, que pode se acentuar ainda mais. É a cultura política brasileira do “deixar do jeito que está para ver como é que fica”.

Por isso, as classes dominantes do nosso país devem mudar sua postura a fim de que passem a ter uma digna e humana compostura. Para tanto, a missão mais nobre e improtelável, com a qual devem estar todos comprometidos, é a

desconstrução da base histórica, cultural, econômica e social do grotesco cenário da desigualdade que tortura as classes pobres e mais numerosas do país. Ademais, devem aprimorar o padrão educacional a ser assegurado, sem nenhuma diferença, a todas as faixas etárias da população. Aliás, a deseducação é o maior equívoco que tem sido cometido pelos governantes para manter, de forma imutável, a cruel iniquidade social que coloca nossa nação entre as mais desiguais do mundo.

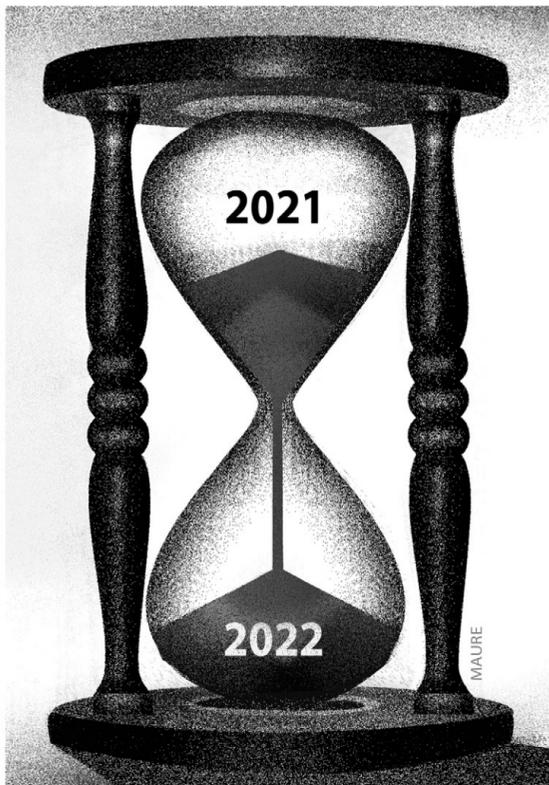
Na verdade, agentes políticos de nosso país precisam se reeducar para possuir um perfil de dignidade comportamental em favor da convergência das lideranças que, unificadas, possam desencadear medidas para construir a igualdade social da nossa população. As práticas imediatistas e de interesse pessoal não podem mais persistir porque se opõem ao conceito correto das ações verdadeiramente políticas, sempre em favor de todos os cidadãos.

Por isso, o imediato deve chegar ao fim o mais rapidamente possível. Além do mais,

muitos dos nossos dirigentes entendem que a sua função prioritária é “fazer mais do mesmo”. Ledo engano. Essa forma de governar não reconstruirá o país. Ao contrário, invalidará a maioria das propostas inovadoras capazes de reverter a decadência sócio-cultural e econômica de um país como o Brasil, que deveria ser deveras democrático e construtivo.

Assim sendo, confirmam-se os argumentos e reflexões acima desenvolvidos. Se o cenário atual persistir, o próximo ano será, para os sofridos brasileiros, o mesmo da trágica degradação da nossa sociedade, que se torna irreversível. Não há nada diferente que dê a necessária substância à bela expressão “Feliz ano-novo”. Ao contrário, o país e sua cidadania continuarão na infeliz mesmice do “mais do mesmo”.

Em conclusão, a capacidade reflexiva do ser humano é a fonte sublime de uma relação deveras altruísta a ser cultivada. Sem prioridade educacional igualitária, o ano novo será sempre uma pura ilusão.



Racismo ambiental

» MARIA ISABEL SALES

Especialista em direito legislativo e assessora legislativa no Senado Federal

No dia cinco de junho, de 1972, na Conferência de Estocolmo, na Suécia, foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Dia Mundial do Meio Ambiente. A data chama atenção para medidas de preservação do meio ambiente pelo mundo, em que governos, empresas e cidadãos se debruçam, para fazer valer a sua simbologia. Neste ano, o Paquistão sediará o evento denominado Década das Nações Unidas da Restauração de Ecossistemas 2021-2030.

No Brasil, o Programa das Nações Unidas (Pnuma) promoveu, no início do mês de junho, alguns webinários, com o objetivo de discutir a restauração dos biomas brasileiros, da Amazônia até a Mata Atlântica. Abraçado por dimensões continentais, o Brasil possui seis biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal, cada um com as suas especificidades, regados por riquezas naturais, que alimentam todo o planeta.

Cuidar do meio ambiente é proteger e respeitar os povos originários, quilombolas, indígenas e povos das florestas, que combatem o desmatamento e a degradação ambiental. Tudo o que fazemos do Oiapoque ao Chuí, no campo, na cidade, nas florestas, na caatinga reflete diretamente em nossas vidas, de forma imediata, a médio ou longo prazos.

Para os povos racializados, o impacto que chamamos de racismo ambiental foi conceituado pelo líder afro-americano de direitos civis Dr. Benjamin Franklin Chavis Jr., no ano de 1981, como a discriminação racial na elaboração de políticas ambientais, aplicação de regulamentos e leis, direcionamento

deliberado de comunidades negras para instalações de resíduos tóxicos, sanção oficial da presença de venenos e poluentes com risco de vida a comunidades e exclusão de pessoas negras da liderança dos movimentos ecológicos.

A definição elaborada há mais de quarenta anos nunca esteve tão evidente, como agora. Vivemos tempos sombrios, a proteção do meio ambiente pelo Estado, instituições, mídias, por toda sociedade é fundamental, para sobrevivência e manutenção do nosso patrimônio natural.

Porém, o tema está na agenda diária dos movimentos sociais, como a Coalizão Negra por Direitos, que, na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), denuncia os enfrentamentos e as atrocidades cometidas contra povos originários e seus territórios.

Temos como exemplo o quilombo Rio dos Macacos, que delata incessantemente as múltiplas formas de violências que sofrem há décadas. O quilombo é localizado na mesma área onde foi construída a Base Naval de Aratu, em Simões Filho, região metropolitana de Salvador.

A nossa Constituição Federal reza em seu artigo 225, § 3º, que as condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados. Apesar da norma, os infratores não se intimidam.

Com a pandemia, luzes se acenderam para as desigualdades históricas no país, como o

racismo, classificado também como estrutural pelo professor Silvio Almeida. Não podemos pensar em desenvolvimento econômico, político e social em uma sociedade que não oferece o mínimo para sua população.

Uma das ações para controlar a disseminação da covid-19 é o simples ato de lavarmos as mãos, mas, conforme pesquisa do Instituto Trata Brasil, 21,7 milhões brasileiros não têm acesso à coleta de esgoto nas 100 maiores cidades do país e 5,5 milhões, à água potável.

Não podemos ser demagogos ou sofistas. O Estado brasileiro precisa enxergar e agir para a implantação de políticas públicas pontuais e integradas em favor dos mais vulneráveis. Não é possível pensar em saneamento sem a proteção do meio ambiente, sem moradia decente, sem iluminação pública, sem saúde, sem comida nas panelas, sem educação, sem trabalho digno, sem enfrentamento das violências e outras barreiras.

O senador Paulo Paim, expoente nas políticas de promoção da igualdade racial, traz consigo essa preocupação nas suas proposições, que conversam entre si e combatem o racismo, desde o Estatuto da Igualdade Racial à taxação das grandes fortunas. A sensibilização de todos e as representações proporcionais comprometidas nos parlamentos são a diáde perdida para a aprovação e a efetivação de políticas inclusivas no Brasil.

O vírus letal, que ceifou mais de 610 mil vidas em todo o país, vem nos mostrando que precisamos cuidar uns dos outros e que todas as vidas importam, sejam elas negras (pretos e pardos), indígenas, amarelas e brancas. Axé, mais amor e vacina para todxs.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Inácio, um fogo de palha

A essa altura dos acontecimentos já ficou demasiado provado, para o cidadão atento, que Lula está passando dos limites como cidadão brasileiro e ex-presidente. Parece que uma espécie de compulsão o faz ignorar os meios para alcançar os fins tornando a vida dos que o cercam um show de horrores.

Alçado ao poder então, livre da cadeia, a capacidade de desequilibrar a harmonia entre as pessoas ganha ainda um imenso potencial capaz de causar danos irreparáveis e em larga escala. Já se sabe que as pontes que constroem são para benefício do partido. As outras, prefere dinamitá-las, rompendo laços e acordos de modo abrupto e sem remorsos.

Lula é ainda o mais preparado nas artes da engabelação, conduzindo o interlocutor pelo labiríntico caminho do circunlóquio político e demagógico, com o qual hipnotiza o ouvinte, fazendo-o ouvir melodiosas cantilenas, quando, na verdade, o que está produzindo são estampidos do bater de panelas. Palavras que vêm de um torneio mecânico admirado pelo o que os interlocutores se enxergam nele, e não pelo o que realmente Lula é. Uma sereia fora de forma a atrair incautos marinheiros de primeira viagem com seus sibilos falsos.

Com isso, toda a atenção deve ser tomada quanto ao que diz e, principalmente, ao que pretende fazer. E por que isso? Porque, no fazer, o que anseia em segredo é construir abrigo e proteção apenas para si e para os seus. Como prestidigitador nas estripulias políticas, arrasta multidões de cegos, surdos e desesperados por onde passam. A todos e a todo tempo pode usar dessa expertise marota. Exceto quando se posta diante do próprio subconsciente. O deus onipotente, com seu imenso dedo indicador apontado em sua direção.

Desse protagonista fantasma de nossas vidas, a ninguém é dado o poder de fugir, escondendo-se. É como um cachorro que tenta escapar do próprio rabo, correndo. Portanto, diante desses personagens ou bruxos que têm transformado nossas vidas em pesadelo, é preciso estar atento as entrelinhas do que afirmam. Sobre tudo aos atos falhos, porque eles parecem abrir uma ligação momentânea com o subconsciente desses maestros da tapeação.

Dias atrás, em discurso perante o Parlamento Europeu, em Bruxelas, nome esse que significa “aldeia do pântano”, Lula declarou, ipsis litteris: “O Bolsonaro não entende absolutamente de nada, a não ser de falar bobagem, a não ser de fazer fakenews e a não ser de tentar destruir aquilo que nós destruímos.”

No seu íntimo, Lula é presa fácil de seu subconsciente, abarrotado com as ações ilegais e sem ética que tem praticado ao longo de toda sua vida. São muitos contêineres entulhados de aldrabices, dentro daquele cérebro miúdo. Ele, no caso o seu subconsciente, sabe o que foi feito e de que modo. Mesmo para a alma mais honesta desse país, verdades inconvenientes sempre vêm à tona.

De fato, muito mais do que poderia o próprio Freud explicar, os atos falhos, comuns em Lula, revelam quem é de fato esse personagem “macunaímico” de nossa vida nacional. Conhecendo mais de perto sua vida privada, se é que político tem vida privada, dá para entender que, por detrás do que explicita em frases soltas por aí, se esconde um indivíduo que ostenta nas ações o que não revela nas palavras.

» A frase que não foi pronunciada

“Pessoal, fica tranquilo. Eu também vou tirar férias da contaminação para comemorar Natal, ano-novo e carnaval.”

SARS-CoV-2 (Covid 19)

OMS

Enquanto o Brasil comemora a quarta semana sem alta no índice de mortalidade por covid-19, outros países estão em alerta com o repentino aumento no número de mortes pelo vírus. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), nos 61 países acompanhados, 31 mostram resultados desanimadores com a volta da alta de óbitos registrados.

Capital

Brasília está à frente de muitas cidades da Europa em relação a ciclovias. Desde a década de 80, o velho mundo tem ciclovias, mas, geralmente, são paralelas às vias de trânsito. Em Brasília, o ciclista pode respirar ar puro em várias vias reservadas às bicicletas.

Vale à pena

Com o apoio do Instituto de Estudos Legislativos e Políticas Públicas, o professor Joelmo Oliveira, PHD em Ciências Políticas com um currículo respeitável, irá ministrar on-line, pelo zoom, um curso de 12 horas sobre metodologia de pesquisa em ciências sociais. As aulas serão nos dias 22 e 26 de novembro e 29 e 3 de dezembro. Associados do IELP não pagam. Todas as informações estão disponíveis no site do IELP e no *Blog do Ari Cunha*.

» História de Brasília

Estão, ainda, os mesmos moradores, pedindo uma linha de ônibus para a praça dos Três Podêres, porque o transporte de diversas repartições não vai para a Asa Norte, e os funcionários são obrigados a fazer baldeação, com perda de tempo e dinheiro. **Publicada em 14/02/1962**